

wrecked - destruição e ruína
série dirty air | livro 3
lauren asher

Tradução de Isabel Baptista

AVISOS DE CONTEÚDO

Aconselha-se a discrição do leitor.



*Às pessoas com ansiedade que andem por aí — isto é para vocês.
Não deixem que as vossas preocupações vençam.*

PLAYLIST



Lonely — Noah Cyrus	2:24
My Stress — NF	4:12
Me, Myself, & I — G-Eazy & Bebe Rexha	4:11
Slow Grenade — Ellie Goulding ft. Lauv	3:37
Tongue Tied — Marshmello, YUNGBLUD, & blackbear	3:06
Strange (Piano Version) — Gabrielle Aplin	2:49
Love Like That — Lauv	3:04
Rainbow — Kacey Musgraves	3:34
Catching Feelings — Drax Project	3:38
Graveyard — Halsey	3:01
Bad Things — Machine Gun Kelly & Camila Cabello	3:59
Somebody — Dagny	3:10
Conversations in the Dark — John Legend	3:57
Put Me Back Together — Caitlyn Smith	3:29
Unsteady — X Ambassadors	3:13
What We Had — Sody	3:02
Let Her Go (Acoustic) — Passenger	4:26
You Should Be Sad (Acoustic) — Halsey	3:18
Happiest Year — Jaymes Young	3:48
This Love — Taylor Swift (Taylor's Version)	4:10
The One — Kodakline	3:52
Thinking Out Loud — Ed Sheeran	4:41

PRÓLOGO



ELENA

Treze anos antes

Se não estiveres pronta em cinco minutos, não tens direito a uma história. Já podes ter doze anos, mas a tua hora de ir para a cama continua a ser às oito — ecoa a voz do meu pai pelos corredores da nossa casa de dois andares.

Vou rapidamente para a casa de banho. Sou uma rapariga em missão, apressando-me a cumprir a minha rotina da hora de dormir, uma vez que hoje os meus trabalhos de casa demoraram mais tempo. Depois de lavar os dentes, faço uma trança rápida no meu cabelo ondulado e troco as lentes de contacto pelos óculos.

Chego à minha cama com trinta segundos de sobra e salto para o colchão macio com um impacto sonoro. Os passos do *Papi* ecoam pelo corredor quando espreita lá para dentro para ver se já estou pronta. Faço-lhe um grande sorriso enquanto cruzo as pernas e aperto as minhas mãos.

Ele abre mais a porta, a olhar para mim de alto a baixo com os seus olhos castanhos.

— Será que devo confirmar se usaste o fio dental?

Abano a cabeça de um lado para o outro, a tentar conter uma risadinha.

— O pagamento da tua próxima consulta no dentista devia sair do teu mealheiro.

— Prometo fazer isso amanhã. Estou mortinha para ler contigo, e os trabalhos de casa demoraram uma eternidade. Porque é que não posso ir para a escola onde andam os meus amigos? Eles conseguem acabar os trabalhos numa hora.

Desde que o meu pai se tornou embaixador do México, há alguns anos, as nossas vidas mudaram. Fui matriculada num colégio privado, mudámo-nos

para um bairro melhor e agora temos dinheiro para ir de férias de vez em quando. A *Mami* fica em casa enquanto o *Papi* viaja entre os Estados Unidos e o México, para trabalhar em coisas importantes para o governo.

— Porque um dia me vais agradecer por te ter obrigado a frequentar uma escola onde te fazem praticar o inglês.

— Mas eles obrigam-me a falar inglês o dia todo — queixo-me eu.

Ele bate com o dedo no meu nariz franzido.

— E repara como já estás a ler bem. Ainda bem que aquelas propinas valem a pena.

Ele senta-se ao meu lado e a minha cama afunda-se com o seu peso enquanto ele se encosta a mim. Abre o meu exemplar d’*Os Jogos da Fome* no último capítulo em que parámos, pronto para dar início à nossa tradição noturna. O cargo que ele ocupa acarreta muitas responsabilidades, incluindo ter de faltar às nossas noites de leitura.

— Estás pronta para começar? — O meu pai mostra-me a página do capítulo.

— Sim, sim, sim!

— Já sabes como é que funciona. — Afasta uma onda solta que escapou da minha trança.

Resisto à vontade de revirar os olhos até à minha nuca.

— Claro. Tu começas, eu acabo. *Woo*. Vá, vamos a isto. — Giro o meu dedo como quem diz *menos conversa e mais leitura*.

A sua voz áspera retoma a narrativa do sítio onde a deixámos há duas semanas. Recosto-me nas minhas almofadas de folhos, presa a cada palavra, entusiasmada por a Katniss ter sobrevivido à Cornucópia.

Ele passa-me o livro a meio do capítulo. O meu pai vai-me corrigindo enquanto leio, com o meu sotaque a tornar-se mais carregado à medida que o meu entusiasmo aumenta. O capítulo acaba num instante e deixa-me desaperada por mais, depois de terminar em *suspense*.

— Mais um capítulo? *Por favor?* — peço eu, a bater as minhas pestanas escuras. São suficientemente compridas para roçarem nos meus óculos, um problema irritante que normalmente evito com as lentes de contacto.

Ele abana a cabeça.

— Quem me dera, *chiquita*. Mas a *Mami* quer que eu a ajude a lavar a loiça antes de irmos para a cama.

Agarro-me a ele, tentando tudo o que posso.

— Mas tu estiveste fora *montes de tempo*, por isso estás a dever-me pelo menos dez capítulos.

— Dez? — Ele ri-se e abraça-me. — Que tal amanhã? Estou disposto a negociar uns três capítulos.

Afasto-me dele e cruzo os braços.

— Está bem. Já que tem de ser. — Dispensoo com um gesto e suspiro enquanto me deixo cair dramaticamente contra a minha almofada.

— Eu sabia que a escola nova ia ser boa para ti. Olha só para ti, a portares-te como uma senhora. A tua leitura melhorou bastante este ano. Estou muito orgulhoso de ti. — O meu pai dá-me um beijo suave na testa antes de fechar a porta do meu quarto.

Apago a luz. Os meus olhos fecham-se e a minha mente vagueia, a pensar no livro e na forma como o capítulo terminou. A curiosidade sobre o que vai acontecer a seguir consome a minha paciência. Sem conseguir adormecer, tiro uma pequena lanterna da minha mesinha de cabeceira, que guardo para noites como esta.

Pego no livro e meto-me no roupeiro. Se os meus pais me encontrassem a ler a esta hora antes de um dia de escola, davam-me um grande sermão. Para nos poupar a todos, escondo-me no meu lugar habitual, atrás da minha roupa e de algumas caixas de cartão. A lanterna projeta sombras enquanto abro o livro no capítulo seguinte.

O meu dedo guia-me, mantendo-me no sítio certo enquanto vou praticando a leitura. A Katniss foge dos outros para evitar que a matem. Ela é corajosa e fixe.

Ouçoo um grito vindo de algures lá em baixo. Os pelinhos dos meus braços eriçam-se de tão assustador que aquilo soa. O berro do meu pai sobressalta-me e os meus dedos trémulos soltam a capa dura. O livro cai para o chão com um baque pesado, junto aos meus pés.

Sustenho a respiração enquanto tento perceber o que acabei de ouvir. Vidros a estilhaçarem-se ao longe e a súplica distante da minha mãe fazem-me entrar em pânico. O meu coração bate mais depressa no meu peito quando o meu pai muda do inglês para o espanhol, implorando por misericórdia. Vozes desconhecidas respondem aos gritos antes de mais alguma coisa se partir.

O *Papi* avisou-me acerca de coisas como esta. Ensinou-me a ficar no meu quarto e a esperar que um deles me viesse buscar.

Outro grito da minha mãe tira-me o fôlego. Fico colada ao tapete, a tatear com os dedos para conseguir agarrar a lanterna.

O meu pai grita e a sua súplica atravessa a porta fechada do meu quarto. Esforço-me para controlar os tremores do meu corpo.

O som mais alto de um estalido ecoa pela minha casa como se alguém tivesse lançado um foguete lá em baixo. O meu pai para de gritar e a minha mãe solta um guincho de dor.

Os meus dedos tremem quando desligo a minha lanterna. O ruído do botão soa demasiado alto, quebrando o silêncio na escuridão que me esconde. Ouvem-se mais estalidos, interrompendo os gritos da minha mãe e fazendo-me sentir um arrepio nas costas.

Um. Dois. Três.

Os meus olhos lacrimejam enquanto me esforço para respirar, com o ruído dos silvos do meu coração a confundir a minha audição. No fundo, sei que há algo de errado com o facto de os meus pais já não gritarem. Abano a cabeça como se aquele movimento pudesse apagar a preocupação no meu cérebro. A ideia de que alguma coisa má lhes possa ter acontecido é demasiado para mim.

Inspiro bruscamente quando a minha porta se abre.

É agora. Eles vão encontrar-me.

A porta do roupeiro abafa o som dos passos. Encolho o meu corpo num esforço para desaparecer no recanto mais pequeno do armário, escondida atrás das caixas e da roupa nos cabides.

Eu não sou nenhuma Katniss Everdeen.

Sou uma impostora a esconder-se, toda encolhida de pavor até ficar só num montinho de nada. As portas do meu armário abrem-se e eu sinto o ácido do estômago a subir-me à garganta ao ouvir aquele ruído. Não me atrevo sequer a engolir em seco com medo que o desconhecido me ouça.

Alguns cabides chocalham e os meus sapatos são empurrados de um lado para o outro. Contenho a necessidade de respirar quando alguma coisa bate contra a caixa à minha frente. Tão depressa como apareceu, o desconhecido fecha as portas do roupeiro.

— A filha dele não está aqui. Talvez esteja com alguém da família. Ou é melhor vermos nos quartos todos?

Tapo a boca para evitar que se escape algum som. As lágrimas caem nos meus dedos, mas mantenho-me em silêncio.

— *Olvídalo.* Fizemos o nosso trabalho. *El jefe* vai ficar contente connosco e depois disto vai ter de nos promover. Há anos que o Eduardo era uma dor de cabeça para ele.

Luto com todas as minhas forças para não vomitar e denunciar-me. A Katniss não estaria a chorar. Ela teria saído do roupeiro com um ar decidido e feito alguma coisa. Qualquer coisa.

Sou uma medricas, fraca e patética, que mal consegue recuperar o fôlego enquanto se esforça para reprimir a vontade de vomitar.

Uma porta bate algures no andar de baixo.

A Mami e o Papi não de vir ter comigo. Eles estão bem. Talvez um bocadinho magoados, mas não de vir.

Os minutos passam, mas não ouço qualquer ruído na minha casa. As lágrimas correm-me pelo rosto enquanto rezo para que o *Papi* venha à minha procura e me leve para a cama.

Não me mexo durante horas, com medo de sair do roupeiro. Os meus olhos adaptam-se à escuridão enquanto me balanço para trás e para a frente para me acalmar.

Por fim, saio do meu esconderijo com um frio na barriga ao abrir a porta do roupeiro. Paro, à escuta de alguém que possa perceber que estou aqui. Passam alguns minutos até eu achar que é seguro voltar a mexer-me.

Inspiro fundo e abro a porta do meu quarto, que range como num episódio assustador no Halloween. O meu coração acelera e eu solto o ar com um sopro trémulo.

Detesto a escuridão. A minha casa parece sinistra, com as luzes todas apagadas e as sombras a pairar nos cantos mais escuros. Sinto a pele da minha nuca a formigar. Os meus pés levam-me pelas escadas abaixo, com a lanterna apertada nas minhas mãos; o desespero dá-me forças para continuar a avançar.

— *Mami? Papi?*

Silêncio. O silêncio absoluto e a escuridão fazem uma veia latejar no meu pescoço. Luto contra o desejo de voltar a correr escada acima e de me esconder debaixo dos meus cobertores. A *Katniss* seria corajosa na escuridão — forte e destemida.

Tropeço em qualquer coisa que me bloqueia o caminho para a cozinha. A minha cabeça baixa-se automaticamente.

— Não! Não não não não não.

A lanterna cai com estrépito aos meus pés antes de rebolar para longe. As minhas pernas cedem, os meus joelhos caem no chão e os meus dedos agarram a mão da minha mãe, fria e com uma sensação completamente estranha.

As lágrimas inundam os meus olhos, escorrendo pelas minhas faces antes de caírem em cima dela. Debruço-me por cima do seu corpo e puxo-a contra mim.

— *¡Mami! ¡Despiértate!* — Os meus dedos trémulos afastam-lhe o cabelo da cara e o meu coração aperta-se ao ver os seus olhos vazios a olharem para mim.

Olhos frios e sem vida, sem qualquer sinal do seu carinho.

— Mami, ¿qué pasa? Regresa a mi. — As minhas mãos estão pegajosas quando a solto. Olho para os meus dedos, mas a falta de luz torna difícil ver o que foi que os molhou. As lágrimas baralham-me a visão enquanto me aproximo da lanterna. A luz incide sobre o meu pai, caído ao lado da minha mãe, com um rasto de sangue atrás dele.

Um soluço liberta-se quando rastejo até ao *Papi*, abraçando-o enquanto encosto o meu ouvido ao seu peito, na esperança de que ele ainda esteja vivo. Posso chamar um médico ou a *Abuela* para me ajudar.

— Por favor, Papi, no me abandones.

Silêncio.

Não há batimento cardíaco. Não há respiração. Nada.

— Não, não, não. — Sons dolorosos escapam-se da minha boca. Choro contra o seu peito, perdendo o controlo de mim própria. Ele tem um cheiro estranho. Os meus dedos agarram-se ao fato dele, sacudindo-o como se ele pudesse voltar à vida.

Para voltar para mim.

— Não me deixes — crocica a minha voz entrecortada.

Ninguém responde. Ninguém ouve os meus lamentos. Ninguém pode salvar os meus pais. Eles foram-se.

Mortos.

Assassinados.

As minhas mãos brilham na iluminação fraca, ensanguentadas e pegajosas. Uma onda de náusea apodera-se de mim. Mal consigo dar alguns passos antes de o meu jantar me subir pela garganta e eu vomitar até não restar nada cá dentro.

Apoio as minhas mãos trémulas no soalho de madeira. Um caco de vidro espeta-se no meu dedo e a dor aguda arranca-me um silvo. O sangue jorra quando arranco o caco grosso do meu dedo médio.

As lágrimas correm-me pela cara abaixo antes de caírem no chão, fundindo-se no rasto de sangue que o meu pai deixou atrás de si.

Sento-me no chão escorregadio e puxo os joelhos contra o peito, desejando que os assassinos me tivessem matado também. O meu corpo treme enquanto me balanço para a frente e para trás. Desligo a lanterna e deixo que as sombras se instalem à minha volta, enquanto o silêncio me corrói os últimos resquícios de calma.

CAPÍTULO UM



JAX

Atualidade

- **J**ax, o teu pequeno-almoço está a arrefecer! O que é que tu fazes a manhã toda no teu quarto? Há anos que deitámos fora as tuas revistas todas da *Playboy!* — zumbe a voz da minha mãe através do intercomunicador do meu antigo quarto.

É isto que acontece quando vou visitar a minha família durante a pausa de inverno. Não há nada que represente tão bem as férias como as chamadas para me acordarem muito cedo e as acusações de estar a bater punhetas antes da minha chávena de chá matinal.

Resmungo quando me levanto da cama e carrego no botão do intercomunicador.

— Fiquei frustrado por tua causa. A última coisa que eu quero ouvir quando estou mesmo à beira do orgasmo é a voz da minha mãe.

A risada dela faz crepitar o pequeno altifalante do meu quarto.

— Que nojo! Deus me perdoe por ter criado alguém com uma boca tão descarada. Desce. O teu pai saiu para uma reunião, e eu detesto comer sozinha.

Nós somos uma dessas famílias com intercomunicadores e uma equipa de funcionários a tempo inteiro, porque o meu pai era um pugilista de topo que construiu uma vida de luxo apenas com os seus punhos. Ele já não luta, mas os seus investimentos falam por si.

Encaixamo-nos no mesmo escalão financeiro dos cretinos que costumavam rir-se do meu pai por ele ter vindo da pobreza. Bem-vindos ao lado negro; nós temos fundos fiduciários e mais investimentos do que a merda da bolsa de valores.

— Estou aí num instante. — Afasto-me da parede e entro na casa de banho, para lavar o meu torpor matinal.

Não tinha planeado vir a casa antes do início da temporada da Fórmula 1, mas a minha mãe implorou-me. É difícil dizer-lhe que não, especialmente quando ela me lembra que não vou poder estar cá na Páscoa. Além disso, não é que eu tivesse planeado muitas atividades divertidas, uma vez que o Liam anda ocupado com a Sophie e o Noah passa todo o seu tempo livre com a Maya. O nosso trio original está reduzido a mim.

Que Deus nos ajude a todos.

Tiro o frasco do meu medicamento da malinha dos artigos de higiene. Um lindo comprimido branco contrasta com a minha pele bronzada, tentando-me a aliviar a tensão. Com uma meia-vida curta, a autorização de um médico americano e a cláusula de saúde mental da Fórmula 1, posso tomar um *Xanax* sempre que me apetece. E, ultimamente, isso parece ser altamente frequente.

Eu — um piloto de Fórmula 1 e um parvalhão por excelência — sofro de ansiedade clínica. Se as pessoas soubessem disso, talvez se fartassem de rir antes de eu lhes dar um pontapé no cu, mostrando-lhes exatamente o que acontece quando sinto um tipo diferente de nervosismo. Por fora não pareço ansioso, mas por dentro sou uma trapalhada do caraças.

Desde miúdo que o meu cérebro é como um hámster numa roda, concentrando-se nas mesmas questões vezes sem conta. Com a ansiedade vêm os sintomas dos ataques de pânico. E quando esses me atingem, os meus joelhos quase cedem, o meu peito fica todo comprimido e os meus dedos tremem ao ponto de se tornarem inúteis.

Os ataques de pânico começaram há uns dois anos, prejudicando o meu humor e a minha produtividade. Normalmente ocorrem quando estou stressado ao máximo, como quando estou a lidar com os meus pais ou quando me sinto sobrecarregado com o futuro. Têm vindo a agravar-se progressivamente ao longo do último ano. Depois de um ataque discreto no ano passado, a meio de uma corrida, que a McCoy classificou como uma «avaria técnica», decidi que os comprimidos eram a minha única solução. Eu não queria fazer terapia, por isso encontrei um médico americano que me resolveu o problema sem eu ter de falar dos meus sentimentos. Agora, o *Xanax* mantém-me suficientemente são para garantir que o meu carro não vai parar à parede mais próxima em cada corrida.

Considero as sensações de pânico como a minha penitência por viver a minha vida ao máximo enquanto a minha mãe sofre. As merdas que me estão a acontecer são uma lembrança constante dos sintomas semelhantes que ela tem. A doença de Huntington é uma grande cabra, que lhe vai roubando

momentos de ano para ano. Torna-a fraca e débil. A minha figura de referência e a luz da minha vida tem o pior tipo de prognóstico médico, mas aqui estou eu a viver uma vida luxuosa com a Fórmula 1. Os ataques de pânico e a ansiedade parecem-me pequenos comparados com isso.

Mas já se sabe o que dizem os profissionais: um par de Xannies por dia faz as preocupações desaparecerem.

Engulo o comprimido antes de sair do meu quarto, já sem pachorra para ficar a remoer nos meus pensamentos de merda. Os meus passos ecoam no chão de mármore enquanto atravesso a nossa casa deslumbrante. As paredes alegres combinam com os tons claros que a minha mãe escolheu, criando um espaço acolhedor de onde por vezes me custa sair. Os quartos de hotel onde passo as semanas não têm comparação.

A minha mãe sorri para mim quando entro na cozinha feita para um *chef*.

— Ora se não é o meu filho preferido.

— Sou o teu único filho, portanto sou automaticamente o preferido. — Vou ter com ela e dou-lhe um beijo no cimo da cabeça antes de me sentar à sua frente.

— Sempre foste uma coisinha atrevida que nunca consegue aceitar um elogio. — Os seus dedos trémulos afastam as suas madeixas louras e lisas. Lembram-me fios de ouro, muito diferentes dos meus caracóis escuros e retorcidos, que mantenho bastante curtos durante a época das corridas.

Eu sou o resultado do amor entre a ascendência sueca da minha mãe e os genes negros e britânicos do meu pai. Com lábios cheios, olhos cor de avelã, que são uma mistura perfeita das origens dos meus pais, e uma pele morena que se torna mais escura consoante a época do ano, tenho confiança suficiente para admitir que sou um tipo jeitoso, embora comentários como esse façam as namoradas dos meus colegas revirarem os olhos.

— Peça desculpa. Onde estão as minhas maneiras?

— Provavelmente perdidas algures entre aqui e o Mónaco. Todos os anos, a Jackie fala daquela tua noite no casino, como um gravador.

— Não é muito frequente alguém como eu passar uma noite inteira a jogar com um membro da família real. — Agito as sobranceiras para cima e para baixo.

A empregada da família, a Jackie, coloca o pequeno-almoço e o chá à minha frente.

— Apesar de a tua mãe te tratar como o seu príncipezinho, és tudo menos um membro da realeza.

— Au. Vais lamber-me as botas quando eu for nomeado cavaleiro. —
Pisco-lhe o olho.

— Por quem? O empregado que serve as garrafas na tua mesa VIP não conta. — A Jackie cruza os braços e encosta-se à ilha da cozinha.

A minha mãe solta uma risada sonora.

— Tens de te ir embora daqui a uma semana?

— Tu és a única pessoa por quem eu consideraria desistir da Fórmula 1, mesmo que fosse por dois segundos. — Abano a cabeça para ela.

— Isso é um segundo a mais do que ontem. Imagina se eu te mantivesse aqui durante meses, provavelmente acabaria por levar a minha avante. — A minha mãe leva a chávena de chá aos lábios. Os seus dedos trémulos fazem com que o líquido respingue antes de metade do conteúdo se derramar na sua mão e no seu vestido.

— Merda. Deixa-me ajudar-te. — Pego no meu guardanapo de pano e limpo o chá entornado, limpando as gotas da sua pele pálida.

— Que embaraçoso — suspira ela.

Dói-me o coração ao ver a expressão resignada no seu rosto. Sinto uma onda de pânico a crescer no meu peito, com um ardor que me faz doer os pulmões a cada respiração. *Xan, por favor, estás à vontade para começar a fazer efeito a qualquer momento.*

Exalo uma calma que não corresponde ao ritmo do meu coração acelerado.

— O que é que o médico disse ontem?

Ela faz-me um ligeiro sorriso.

— Não precisas de te preocupar comigo.

— Mãe...

Ela faz-me um revirar de olhos atrevido, disfarçando a sua perturbação.

— Está bem, pronto. Ele disse que podemos monitorizar os problemas recentes que tenho tido com o meu humor e com os movimentos. Mas, no geral, estou a ir muito bem. Eles têm grandes esperanças.

— Então são boas notícias? Talvez não seja tão mau como eles pensam.

A sua mão trémula envolve a minha face.

— Bem, eles dizem que é possível que eu viva mais uns anos do que o previsto.

— Então estás a dizer que vais passar mais quinze anos connosco, mais ou menos? — Incomoda-me a insegurança na minha voz.

— Não é uma coisa certa. Gostava de te poder dar mais informações, mas é tudo o que tenho. — O sorriso dela vacila.

Empurro o meu prato para o lado, já sem vontade de comer.

— E o que é que ele disse que podia resolver os tremores?

— A única coisa que podemos fazer é vigiar a intensidade deles. Ah, e ele disse que, para ajudar com o *stress*, o meu filho devia deixar de ser casmurro e arranjar...

— Nem pensar.

— Mas...

— A resposta é não — suspiro. — Lamento. Detesto desiludir-te, a sério, mas não vale a pena. — As minhas mãos tremem debaixo da mesa.

— Não posso evitar ir tentando. Sempre que vou ao médico, preocupo-me contigo. Penso na tua ansiedade e nos comprimidos que começaste a tomar no ano passado. As benzodiazepinas nem sequer são boas para ti, por isso não tentes minimizar a situação. Pergunto-me se os tremores não serão por causa dos...

— Mãe, por favor, para de te preocupares comigo. — A minha voz sai num sussurro. Merda, odeio o facto de ela me afetar como ninguém, mas tenho de me manter firme. — Podemos parar com esta conversa? Vamos aproveitar a última semana antes de eu ter de me ir embora. Não sei daqui a quanto tempo vou conseguir voltar, com a saída do Liam e tudo a mudar na McCoy. — A minha voz tresanda a desespero, rouca e entrecortada, enquanto olho para ela com os olhos muito abertos.

— Por agora, sim, mas só porque me deixo sempre levar pelos teus olhos de cachorrinho. Foi assim que acabaste com quatro cáries aos cinco anos.

— Eu sempre fui encantador. — Lanço-lhe o meu sorriso mais deslumbrante, na esperança de afastar todas as suas preocupações sobre o assunto.

— Acredita, eu estou bem ciente das tuas manchetes no *Daily Mail*. Senti-me tentada a lavar os olhos com lixívia demasiadas vezes.

— Desculpa, mãe. — Encolho-me.

— Estou ansiosa pelo dia em que vais conhecer a mulher certa e acabar com essas noitadas nas discotecas.

— Conhecer e comprometer-me são duas coisas muito diferentes. — Rio-me.

— Com essa língua atrevida, quem é que te consegue resistir?

— Qualquer mulher que pense com o cérebro e não com o clítoris — responde a Jackie, pegando no meu prato por terminar.

A minha mãe abafa uma risada.

— Jackie, tu és terrível.

— Eu digo aquilo que eu vejo. — A Jackie encolhe os ombros antes de se dirigir para o lava-loiça.

— Agora, depois de me teres estragado o apetite, o mínimo que podes fazer é deixar a tua mãe feliz. Tu sabes do que eu gosto mais do que de tudo.

— Do pai?

— Essa foi boa — resfolega. — Afinal, parece que foi de mim que herdaste as tuas piadas. Gentil senhor, por favor conduza-me até ao nosso lugar.

— Às tuas ordens. — Levanto-me e estendo-lhe a minha mão tatuada.

Ela apoia-se em mim enquanto a acompanho pela casa fora até à sala de estar principal. O piano de cauda brilha no centro do espaço. Instalo-a numa poltrona confortável antes de me sentar no banco do piano, virando-me para ela.

Ela bate as palmas e sorri.

— A melhor decisão que tomei como mãe foi obrigar-te a ter essas aulas.

— A sério? De todas as coisas que fizeste, essa foi a melhor?

— Oh, sim. O teu pai não consegue tocar uma música nem para salvar a vida, por isso tu foste a segunda melhor opção.

Sorrio e viro-me de costas. Os meus dedos percorrem levemente as teclas de marfim antes de começar a tocar uma canção da banda preferida dela.

— Nem posso dizer que estou zangada por te teres recusado a aprender os clássicos para tocares este tipo de música — diz a voz da minha mãe por cima da música.

— Uma vez rebelde, sempre rebelde.

— E eu não sei? A quem é que achas que foste buscar isso? Cresceste a ouvir histórias de embalar a respeito de eu ter abandonado a minha família sem olhar para trás.

— Eras uma rebelde com uma causa. Esse é o melhor tipo de rebeldia.

— E não te esqueças disso. — Pisca-me o olho. — Toca a minha favorita a seguir. Eu sei que também gostas dela.

Perco-me na música. Desligo os meus pensamentos como se fosse uma válvula, deixando que as preocupações da minha vida se dissipem com a melodia.

A melodia é assombrosamente bela, ecoando nos tetos altos. A minha mãe sorri o tempo todo. Ela faz com que toda a minha visita valha a pena, apesar da dor no meu peito de cada vez que ela está com dificuldades.

A vida volta ao mesmo assim que eu cubro as teclas do piano e ajudo a minha mãe a subir as escadas para o quarto dos meus pais. As suas pernas

trémulas e a bengala arrancam-me a boa disposição, substituindo a felicidade pelo desespero.

Nessa noite, depois de a minha mãe chorar por ter deixado cair o garfo três vezes durante o jantar, envio uma mensagem a uns velhos amigos da bor-ga para irmos a uma discoteca. E, como se nada fosse, a minha má disposição é lavada com álcool e más decisões.

CAPÍTULO DOIS



ELENA

Tendo em conta os cuidados de que a sua avó precisa, não sei se as necessidades dela estão a ser atendidas aqui. Ela deveria ser colocada num lar mais permanente, destinado a pacientes de longa duração. E, com os seus recursos, não sei se isso será possível. — O médico levanta os olhos da sua prancheta.

Tudo se resume sempre a dinheiro.

Querem saber quanto é que eu tenho? Se pegassem num euro, lhe pegassem fogo e o atirassem para o caixote do lixo, isso resumiria toda a minha conta bancária.

Todo o dinheiro que ganhei foi para pagar os cuidados da minha avó ou as contas. Ser adulto é difícil, mas ser adulto com dívidas é mais difícil ainda.

A *Abuela* aconselhou-me a tirar um curso numa universidade sul-americana, mas eu não lhe dei ouvidos. Quis seguir o desejo do meu pai, de que eu frequentasse uma escola nos Estados Unidos, mas acabei por descobrir que os sonhos parecem muito melhores no papel. O que deveria ter sido o sonho americano transformou-se no meu pesadelo recorrente, com taxas de juro elevadas e empréstimos excessivos. Caramba, o empréstimo que contrái para a minha licenciatura daria para alimentar um pequeno país durante um mês.

A dor no meu peito aumenta quando olho para a minha avó — a única ligação que me resta com o meu pai. Eu faria qualquer coisa para a manter feliz e saudável enquanto ela for viva.

Os seus olhos vidrados cruzam-se com os meus.

— *¿Marisol?*

— *Sí. Estoy aquí.* — Afasto um sentimento amargo de ressentimento contra a *Abuela*. Ter um familiar com a doença de Alzheimer tem uma forma

estranha de me fazer desejar coisas simples, como a de não ser chamada pelo nome da minha mãe. A ideia faz com que uma nuvem negra se instale sobre a minha cabeça, mas luto contra a tristeza ao lembrar-me dos meus pais.

Embora despreze a amargura por a minha avó me confundir com a minha mãe, adoro parecer-me com ela. As pessoas dizem que sou a sua imagem perfeita, com curvas, cabelo escuro com uma ondulação natural e altura média. A única lembrança do meu pai com que eu fiquei foram os meus olhos castanhos e as pestanas compridas. A *Abuela* costumava dizer que eu tinha o melhor dos dois.

Encaro o médico.

— Quanto é que normalmente custam essas instituições?

— Neste momento, devem custar cerca de quatro mil euros por mês, mais ou menos.

A sala começa a girar enquanto eu processo as suas palavras. São mais 48 mil euros por ano que eu não tenho. Mal consigo pagar as contas do meu pequeno apartamento no Mónaco, do tamanho de uma caixa de sapatos de criança.

— Podemos ficar aqui com ela durante mais um mês, enquanto resolve tudo, mas vai ter de encontrar outras soluções. Receio que o estado dela se tenha deteriorado muito rapidamente e o nosso pessoal não está preparado para ela. O tratamento experimental não resultou.

Esforço-me para conter as lágrimas.

— Não há mais nada que possam fazer? Não há outro medicamento que possam experimentar?

— Nestes casos, não. Lamento imenso, Ms. Gonzalez. Recomendo que aproveite o tempo que lhe resta e que a instale num sítio onde possam tomar conta dela até...

— Certo. — Mordo a língua para evitar dizer alguma coisa de que me arrependa.

— Se quiser considerar a hipótese de voltar para o México, os serviços lá são muito mais baratos. Poderia encontrar uma boa instituição com os seus recursos limitados.

— Vou ter isso em mente.

Pois, porque não há plano melhor do que largar o meu emprego e voltar para o mesmo país onde os meus pais foram assassinados. Parece-me um futuro tão brilhante como o apocalipse.

O médico sai da sala com uma despedida tensa, dando-nos privacidade.

— Nena, como está o Eduardito? — A minha avó agarra-me o braço com

uma mão frágil. As suas palavras dão-me a sensação de que ela enfiou uma navalha de barbear no meu coração.

— Está bem. Anda ocupado com o trabalho. — Ele já não trabalha há treze anos, mas o que é que isso interessa?

Para de ser amarga, Elena.

— Porque é que estás tão triste? Diz-lhe para ficar mais em casa contigo e com a bebé Elena. Eu já lhe disse para trabalhar menos, mas ele não me ouviu. É teimoso como o pai.

Solto um suspiro profundo, continuando a fazer de conta que sou a minha mãe. Não há razão alguma para a lembrar de que eu não sou a sua nora e que o filho dela está morto. Da última vez que falei nisso, ela chorou antes de ameaçar matar os assassinos pessoalmente, e foram precisas duas enfermeiras e uma injeção de alguma coisa potente para a acalmar. Nesse dia, apercebi-me de que estava verdadeiramente sozinha na minha dor. A minha avó não consegue lidar com a verdade e, no fim de contas, não vale a pena. Os dois rufias que queriam ganhar o respeito do líder de um bando de marginais, matando um embaixador, morreram antes de chegarem a ver um tribunal.

Durante mais uma hora penosa, passo o tempo a ver televisão e a almoçar com ela. Quando chega a hora de me ir embora, dou-lhe um beijo na cara antes de lhe dizer adeus.

Quando saio das instalações, sou consumida pela preocupação a respeito de como vou conseguir suportar os custos de um lar para ela. Não sei como a vou poder ajudar e ao mesmo tempo manter-me à tona.

Opção 1: Trazer a minha avó para o meu apartamento e tornar-me sua cuidadora a tempo inteiro, trabalhando a partir do meu escritório-barra-quarto.

Opção 2: Voltar para o México com ela, para que possa receber um tratamento mais económico.

Opção 3: Tornar-me *stripper*, apesar de ter nascido com dois pés esquerdos e um caso sério de medo do palco.

Descarto a ideia de voltar para o México. Essa opção é terrível tanto para a minha saúde mental como para o meu trabalho, o que consolida a minha posição contra ela. A minha avó precisa da minha ajuda, o que significa manter o meu emprego deste lado do hemisfério. Passei anos a fazer contactos europeus no mundo da Fórmula 1 e recuso-me a abdicar deles. Com a ajuda do Elías e das relações com as equipas, construí um pequeno negócio de representação de atletas.

Existem empresas maiores que podem fazer o meu trabalho? Claro que sim.

Existem empresas dispostas a fazer tudo para ajudar os seus clientes, independentemente do momento e da situação? Sem dúvida.

Mas essas empresas não conseguem oferecer o tipo de cuidados que eu ofereço. Só aceito alguns clientes de cada vez, melhorando a sua presença social e dando-lhes a melhor imagem possível com um plano individualizado. Com as referências do Elías, construí uma base estável de clientes fiéis. Não é nada que se compare a uma grande empresa de relações públicas, mas é toda minha. Construí-a do zero e não estou disposta a desfazer-me dela, voltando outra vez para o México. Isso é como desistir, e o *Papi* ensinou-me a nunca desistir, por mais difíceis que as coisas se tornem.

Volto para o meu apartamento patético, que está a um ano de ser demolido por instabilidade estrutural. A autocomiseração não me fica bem, mas mereço ter uma noite para afogar as minhas mágoas.

Penso em telefonar ao Elías, mas opto por não fazer isso porque ele está ocupado com os testes de pré-temporada da Fórmula 1. Nem o meu melhor amigo me pode ajudar a sair deste imbróglio. Quando falo dos meus problemas financeiros ao Elías, ele oferece-me sempre dinheiro. Embora eu recuse, ele faz o que pode, pondo-me em contacto com outras empresas de Fórmula 1 para trabalhar nas suas relações públicas. As referências que ele dá recomendam-me a outros, o que me ajudou a construir a minha marca como reparadora de reputações.

No ano passado, tive a minha maior oportunidade, depois de um dos meus clientes mais recentes me ter recomendado à McCoy, uma equipa lendária da Fórmula 1. Fui contratada para ajudar um dos principais pilotos, o Liam Zander, com a sua reputação. Embora esse trabalho tenha sido um ponto alto para mim, terminou quando o Liam mudou de equipa.

O caminho de regresso ao meu apartamento acaba demasiado depressa. Subo os degraus periclitantes e entro no meu estúdio. Continuo a arrastar-me enquanto dispenso o jantar, tomo um duche e me deixo cair na cama. Farta de adiar o inevitável, pego no telemóvel e reavalio a minha conta bancária.

Demoro menos de um minuto a perceber até que ponto estou lixada. Atiro o telemóvel para o fundo da cama, enquanto o desespero destrói a minha positividade.

— Meu Deus, eu sei que não nos temos dado lá muito bem nos últimos tempos, mas neste momento eu ficaria eternamente grata por uma tábua de salvação. Aceito qualquer coisa. E vamos ser realistas: dava-me muito jeito um milagre. Ou três. Acho que já paguei as minhas dívidas — sussurro para o teto.

A minha cabeça lateja enquanto me vou conformando com a minha situação.

Mais um ano, mais um tratamento falhado.

Faço o luto pela minha avó, pela perda da sua memória e pela última ligação à minha antiga vida, que me está a escapar por entre os dedos. A minha avó nunca irá conhecer os meus filhos e muito menos lembrar-se de mim. A dor envolve-me como um manto.

Detesto quando a tristeza se instala, como um nevoeiro sombrio que me rouba a felicidade. É um sentimento que se agarra a mim com garras invisíveis e me mantém refém. Não acontece muitas vezes, mas quando acontece, toda a minha vida fica de pernas para o ar.

O zumbido do meu telemóvel interrompe os meus pensamentos. Estico-me para o apanhar, ao canto da cama. Um número desconhecido aparece no ecrã e eu atendo sem hesitar.

— Estou?

— Olá, é a Elena Gonzalez? — pergunta-me a voz de um homem.

— A própria. — Falha-me a voz.

— Ótimo. O meu nome é Connor McCoy. Deram-me o seu contacto porque trabalhou para o Peter McCoy no ano passado. Não sei se está ao corrente, mas ele teve de tirar uma licença permanente e eu fiquei com o lugar dele. Eu sei que a temporada está prestes a começar, mas precisava da sua ajuda num projeto de relações públicas.

— Que tipo de projeto? — Preciso de todas as minhas forças para controlar a minha voz, sem querer que ela tresande a desespero.

A McCoy só tem dois pilotos: o Elías, que é novo na equipa, depois de o Liam ter saído na época passada, e o outro... bem... já o conheço o suficiente.

— Queremos contratá-la para um trabalho particular. Vai exigir muito do seu tempo, incluindo um contrato de exclusividade e um acordo de confidencialidade.

— Quais são as condições? — Mantenho um tom indiferente, apesar de o meu corpo estar a fervilhar de expectativa. Nesta altura, se não implicar que eu tenha de me despir, estou completamente de acordo.

Porra, até isso parece tentador depois de verificar os meus fundos.

— Pagar-lhe-íamos oito mil euros por mês durante dez meses, a partir de março. Mais um bónus de vinte mil euros se puder ficar até ao último Grande Prémio, na primeira semana de dezembro. — Ele faz a segunda frase parecer uma oração. — Queremos que trabalhe exclusivamente com o Jax Kingston.

O trabalho incluiria ficar de olho nele e ajudar a promover positivamente a sua presença nos *media*.

Cem mil euros? Por essa quantidade de dinheiro, eu faria quase tudo.

— Tenho alguns clientes com quem vou precisar de falar. Se não houver problema, poderei com certeza ajudar-vos no que precisarem.

O Connor explica as partes principais do meu contrato, enumerando tudo o que vou ter de fazer ao longo da temporada das corridas. O plano dele é inteligente e bem pensado. Digo que sim com uma certa apreensão, sabendo que não posso resistir à resposta às minhas preces.

Nem todos os heróis usam capas. Pelos vistos alguns têm tatuagens de durão e um fato de corrida da McCoy.